

Henrique Pinto

**DO ESTADO NOVO
AO PÓS-MODERNISMO
CULTURAL**

Um estudo de caso, Uma história de amor

[Ficha Técnica]

Título

Do Estado Novo ao Pós-Modernismo Cultural.
Um estudo de caso, Uma história de amor

Autor

Henrique Pinto

Revisão

Clementina Antunes

Foto

Sérgio Claro

Coordenação Editorial

Rui Alexandre Grácio

Capa

Frederico da Silva

Design gráfico e paginação

Grácio Editor | Frederico da Silva

Impressão e acabamento

1ª edição em Setembro de 2013

ISBN: 978-989-8377-46-3

Depósito Legal:

© Grácio Editor

Avenida Emídio Navarro, 93, 2.o, Sala E

3000-151 COIMBRA

Telef.: 239 091 658

e-mail: editor@ruigracio.com

sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos

Apoio à edição

OLCA, Orfeão de Leiria Conservatório de Artes

À memória de meus pais, Maria e Cândido,
e da avó Margarida

«A admiração é filha da ignorância, porque ninguém se admira senão das coisas que ignora, principalmente se são grandes; e mãe da ciência, porque admirados os homens das coisas que ignoram, inquirem e investigam as causas delas até as alcançar, e isto é o que se chama ciência.»

Padre António Vieira
1608-1697

O amor, a felicidade e a vida	11
Era uma vez... ..	15
A sabedoria da experiência	18
Cultura	25
Cidades	32
Políticas Culturais em Portugal	35
A mediação nas políticas culturais	39
Importação e exportação de cultura	40
Globalização	41
Cidadania	53
Cidadania cultural.....	57
Cidadania participada	60
Modernidade e Pós-modernidade.....	67
Culturas locais e Pós-modernidade.....	78
Cultura e poder local	82
Economia, cultura, terceiro sector, organizações sem lucro	87
A educação e a música	93
Música, cognição e cérebro.....	98
Efeito Mozart ou implicações da música na medicina.....	100
Prazer estético na música.....	104
Antecedentes emocionais, evolução da música, linguagem.....	106
A luz num tempo sem pregas.....	110
Zero-cinco.....	114
Prática musical	116
O <i>empowerment</i> dos seniores através da música.....	117
Neoliberalismo político e cultural	120
Portugal, do Estado Novo à União Europeia.....	125
Centro cultural da idade média aos nossos dias	129
Quotidianos nas primeiras décadas do século XX	132
As pessoas juntaram-se	135
Mito do retorno e gigantismo	140
Entre as mais ecléticas instituições culturais portuguesas	143
1. O tal banco de jardim... ..	143
2. Vultos dinâmicos e eruditos	147
3. A imagem de marca	149
Seguir o coração	153
A infraestruturção.....	157
Animação, referências 1983-2013	160
1. No princípio era assim!	168

2. O lúdico riquíssimo	170
3. Do Haiti ao Alzheimer.....	172
Mar de oportunidades, o cosmopolitismo.....	174
Eventos, turismo e mérito	177
A música para todos.....	181
Em festa.....	183
Nome doce e singelo.....	186
1. Europa das famílias.....	187
2. Dúvidas e certezas	188
O empenho na formação musical precoce	191
A criança autista a atar os sapatos	193
Bem estar, diversidade, e estigma televisivo	195
Criação, desenhar mapas de futuro	198
Ultrapassar a endogamia de grupo.....	200
1. O prazer da forma pura ou estética	200
2. A malta do bairro fez parte da ópera	202
Dança, um pé que sorri, uma mão que chora	205
Farol que ilumina, referência para os imaginários	212
Redes culturais e política dos grandes eventos	216
Mais longe é o horizonte	219
1. A Ilha de Vénus	222
2. A imensurável criação	225
Nos anos dourados.....	228
1. «A vida com arte».....	228
2. «A arte da vida»	230
Funcionamento e gestão	234
1. Uma experiência paradigmática no pós-modernismo?.....	235
2. A Fundação Calouste Gulbenkian	236
É assim... ..	238
Epílogo.....	241
1. A prática pós-moderna	242
2. A herança dos tempos.....	244
3. Descobrir caminhos com os pés bem assentes.....	245
A excelência resiste ao tempo	248
1. O estado da arte.....	248
2. O interesse individual e grupal	249
Um amor interminável	251
Bibliografia.....	256
Fontes bibliográficas exclusivamente <i>online</i>	270
Depoimentos e outros documentos	270
Agradecimentos	271

É bem possível ter sido chamado para a paixão da escrita e da leitura pelo facto de, na dobra da infância para a adolescência, o morar junto da biblioteca dos Condes de Castro Guimarães, em Cascais, me ter habituado a ser um leitor excessivo e perene. O facto de meu pai ser um amante das notícias e da boa literatura, consumindo-a a meus olhos como ao mais exótico manjar, poderá ter-me igualmente sugestionado. Atrás da literatura vem o interesse por outras formas de arte. Ser estudante em escolas tão diversas e populosas, dos estudos secundários à universidade, pôs-me em contacto com múltiplas experiências culturais, mau grado a conjuntura. Desde os dezassete anos fui sendo atraído para o associativismo cultural e para a sua gestão. Coimbra é, a esse respeito, um marco relevantíssimo. Chegado a Leiria o meu amigo e colega, António Moreira de Figueiredo, passou a instar-me para me tornar seu companheiro de direção no Orfeão de Leiria. Um dia aceitei embora tudo na minha vida, dos afetos ao trabalho, estivesse preparado para rumar ao sul, às proximidades dos meus lugares de menino. E ao aceitar um tal empenho depressa voltei a apaixonar-me, fiel ao que me ligo, ao que me prende, às devoções e rituais do meu apego. Quando por fim parti foi para voltar dia a dia, semana a semana, mês a mês. O que foi um trajeto árduo fi-lo por inteiro, rendido de forma exaustiva, como sempre, e feliz do ponto de vista das vivências e resultados. Esta paixão física, sem platonismos, apegada, com trinta anos consecutivos completados a trinta de Janeiro de 2013, transformou-se também numa História de Amor, tão vibrante quanto as descritas na literatura clássica. Antes de tudo porque invariavelmente me apaixono pelo que faço e adoro as pessoas que, trabalhando, próximas ou não, me permitem realizá-lo. Depois porque dificilmente se encontra uma viagem tão aventureira, imaginativa e criadora como a feita nestas três décadas. A originalidade de